

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 169	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	5950	5120	1 DE SETEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHUÇAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Creio que não ha em Portugal nenhum homem de letras e nenhum editor, que não tenha recebido avalanches de cartas de associações particulares, de clubs de provincia, e até de comarcas municipaes, pedindo livros para as bibliothecas que fundaram ou que vão fundar.

Ora, nós, que temos recebido numerosas cartas com esses pedidos, e que achamos muito louvavel e digna de todo o incitamento e elogio a criação de bibliothecas, e a propaganda de boa leitura, aproveitamos hoje a occasião de tratar d'este assumpto, para assim responder a todas essas cartas, resposta que a maior parte das vezes não temos dado immediatamente e particularmente, pela difficuldade insuperavel para quem precisa de trabalhar, de estar quotidianamente a responder a dezenas de cartas.

E mesmo porque essa resposta é difficil de se dar, não estar a reeditar para cada carta a allusão de considerações que se nos afiguram sumamente logicas e plausiveis, que esses pedidos suggerem.

A idéa de crear bibliothecas, que ha annos a esta parte assalta todas as associações que se estabelecem no nosso paiz, e accode a varias municipalidades de Portugal, é sacratissima, d'um grande alcance de civilisação, e bem merece de todos que presam o progresso intellectual, e a instrucção do povo: é um symptoma excellente da nova direcção que toma o espirito publico e o espirito de associação, e nunca será assaz louvado e festejado.

Entretanto se a idéa é excellente, o modo de a pôr em pratica parecemos muito menos moderno do que ella, e prestar-se a singulares comentarios, sobretudo por ser tambem symptomatico, do modo como ainda em Portugal se considera o trabalho litterario.

Uma associação fundase. Os seus socios cotizam-se, fazem mesmo sacrificios monetarios para alugar uma casa, que seja sede d'essa associação, e repelliriam indignados a dea humilhante de irem

pedir a um senhorio qualquer que lhes fizesse a esmola d'uma casa.

Mobilam essa casa, melhor ou peor, segundo lhes permittem as suas posses, e nem de leve passa pela cabeça de nenhum dos associados de se dirigirem collectivamente aos marceneiros, a solicitar um favor d'uma cadeira ou d'uma mesa. Estabelecem jogos e compram cartas, compram

dados, compram bilhares, compram tudo do que necessitam para a sua sociedade, escrupulosamente, escolhendo aquelles objectos que melhor correspondem ao fim a que se propõe.

De repente passa pelo espirito d'essa associação a idéa grandiosa brilhante e humanitaria, de organizar uma bibliotheca.

O que faz a associação?

Parecia que o natural era fazer o mesmo que tinha feito até ali.

Quando quiz montar casa, alugou-a: quando quiz mobilal-a comprou a mobilia conveniente para os seus usos: quando montou jogos de vasa, comprou cartas de jogar: quer montar uma bibliotheca, compra os livros necessarios e proprios de uma bibliotheca, segundo as suas posses e as suas necessidades intellectuales.

Pois não senhores: não é nada d'isto que se faz.

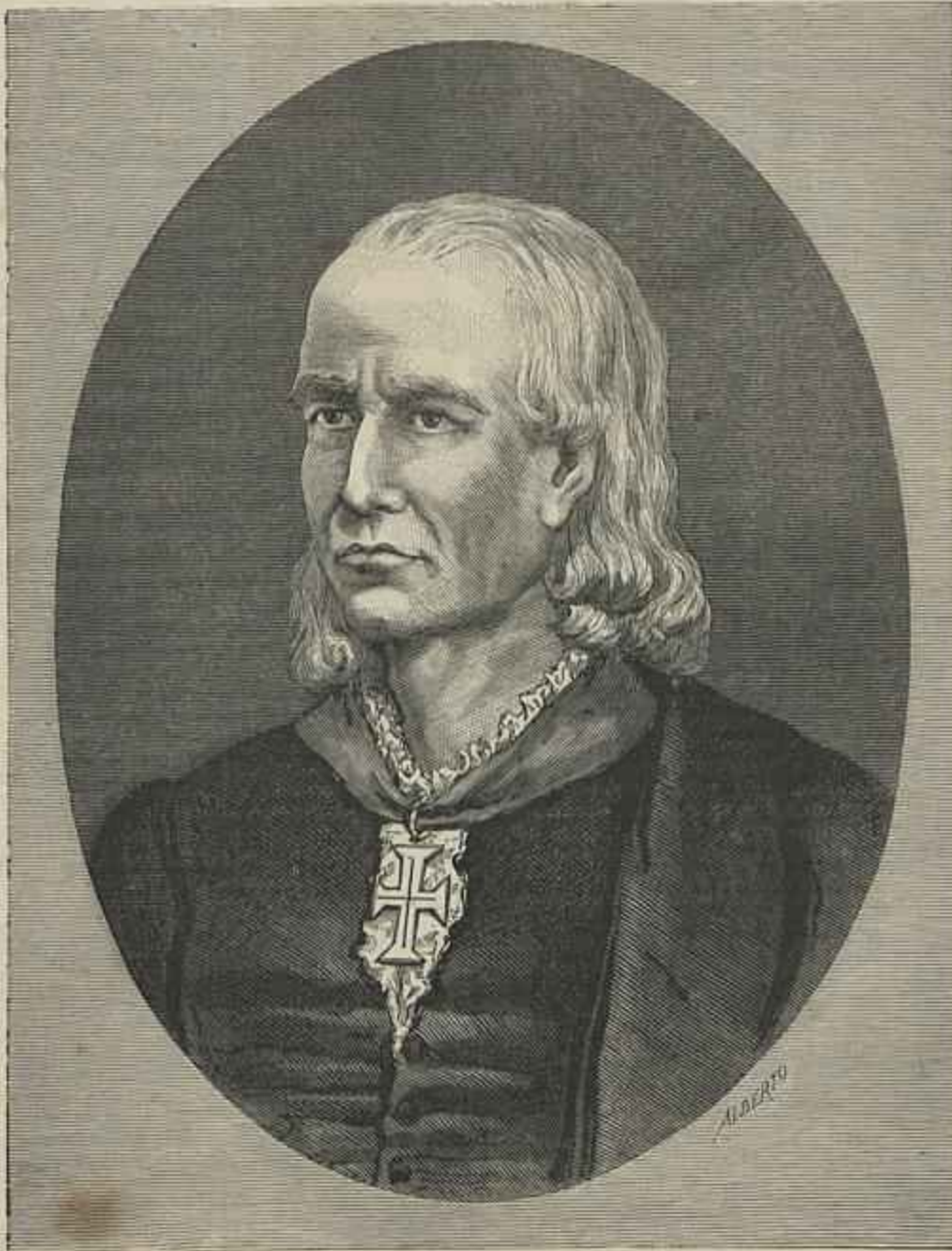
Quando uma associação quer organizar uma bibliotheca, escreve cartas a todos os auctores e editores, pedindo-lhes que lhes dêem os seus livros, isto é, o trabalho que uns e outros fizeram para ganhar a sua vida.

E ao mesmo tempo em vez de escreverem ao marceneiro e pedir-lhe que lhes dê umas estantes de graça, não escrevem, encommendam-lh'as e pagam-lh'as.

Deve-se confessar que tudo isto é muito original, e não vem da falta de brio, nem da falta de consideração d'essas associações pelos homens de letras e pelos editores, vem simplesmente da falta da comprehensão de que o trabalho litterario é um trabalho como qualquer outro, e que quem faz um livro tem tanto direito a que lhe paguem esse livro, como quem faz uma cadeira a que lhe paguem essa cadeira.

Em Portugal ninguem percebeu ainda isto e tanto que pessoas independentes, orgulhosas que não são capazes de pedir um charuto a um amigo, pedem-lhe o livro que publicou, pessoas ricas, altivas, que não pediriam um phosphoro de cera a um visinho, mandam-lhe pedir o *Diario de Noticias* para lêr.

Em boa sociedade ninguem pede emprestado a outrem um casaco, um chapéu, umas luvas,



João Sanches de Baena

JOÃO SANCHES DE BAENA (segundo um retrato da época)

um sophá, nem mesmo uma musica, pedir um livro emprestado é corrente e correcto, é até elegante, porque denota amor pelas letras.

E' que a maior parte da gente não pensa um momento sequer, em que um livro é um producto de commercio, como outro qualquer, e que pedir um livro a um editor ou a um auctor equivale a pedir-lhe cinco ou dez tostões.

Ha uma anedocta, perfeitamente authentica, passada com o fallecido livreiro editor Antonio Maria Pereira, que já foi contada n'um dos almanacs do Occidente e que é profundamente caracteristica d'este modo perfeitamente nacional de encarar o trabalho litterario.

Foi quando se representava na Trindade, as *Pupillas do Sr. Reitor*; tiradas do romance de Julio Diniz pelo pobre Ernesto Biester. Um dos cavaqueadores nocturnos da loja do Pereira e seu visinho, tirou-se uma noite dos seus cuidados, alugou um camarote de 1.º ordem, da Trindade e foi com a familia ver as *Pupillas do Sr. Reitor*.

Gostou muito, deu por bem empregado o seu dinheiro e na noite immediata foi á loja do Pereira, contou o que fizera na vespera, e não se fartou de gabar as *Pupillas*.

— É verdade, ó sr. Pereira, disseram-me que havia um romance d'onde aquella peça foi tirada.

— Ha.

— Você tem-n'o ahi.

— Tenho.

— Então ha de m'o emprestar que é para eu ler com o meu vagar, ás noites. E são bonitas de-veras as *taes Pupillas do Sr. Reitor*.

Toda a comprehensão do commercio litterario em Portugal está synthetisada n'esta historia, que naturalmente tem numerosa companhia por todos os livreiros de Lisboa.

E não ha direito de nos queixarmos d'elle, porque no fim de contas mesmo n'aquelles que estão em permanente contacto com o trabalho litterario, ha freguezes do sr. Pereira.

No jornalismo por exemplo, entre a administração e redacção dos jornaes, ha sempre pouco mais ou menos o mesmo criterio do valor do trabalho litterario.

Ha jornaes oh! se ha! — que ficam a dever quantias fabulosas aos seus redactores, e ha muitos que não pagam á redacção; entretanto não ha nenhum que não pague aos seus typographos, aos seus gerentes, aos seus escripturarios, aos seus distribuidores.

Já me aconteceu mais d'uma vez mandar buscar no fim dos mezes a alguns jornaes, dinheiro que me deviam do meu trabalho, e obter esta extraordinaria resposta:

«Não lhe posso mandar o dinheiro que me pede porque não tenho nenhum, e agora mesmo me vejo forçado a ir arranjar sessenta mil réis para pagar á typographia.»

Garanto sob a minha palavra a authenticidade d'esta resposta, que mostra bem como reconhecem ainda hoje, o direito do trabalho litterario, aquelles que com elle vivem, e ainda mais que vivem d'elle.

E podiamos multiplicar os exemplos; podiamos entrar nos theatros, abrir as folhas das despesas e ver como de toda a gente que trabalha no theatro, o mais mal pago é o auctor dramatico, isto é, aquelle que devia ser o mais bem pago, como é em França, como é em Hespanha porque é quem sustenta os empregarios.

Podemos ver o mesmo facto nas contas dos editores, porque ordinariamente no livro, pelo que se paga menos é pelo original, isto é, pelo proprio livro.

E sendo assim como é, não temos direito a admirar-nos, que toda a gente que vive afastada das letras, não pense sequer que um livro é cousa que se paga, e as associações que compram a dinheiro tudo que tem das portas para dentro, queiram ter de graça os livros e jornaes.

Na França, sobretudo na Allemanha e na Inglaterra as bibliothecas populares são uma das grandes fontes de receita dos editores, que contam já com ellas como compradores certos das suas obras.

Em Portugal o grande desenvolvimento de bibliothecas particulares organisadas pelo systema actual da circular aos editores e aos escriptores, seria completa a ruina do negocio de livros, dado o caso de se responder favoravelmente a essas circulares.

Alargarmo-nos de mais n'este assumpto do que tencionavamos, ainda nos fica por dizer muita cousa.

E realmente deploravel que em Lisboa os homens de letras não possam associar-se a serio e a serio tratarem dos seus interesses, não por causa dos pedidos das bibliothecas, que no fim

de tudo nada valem, mas é pelo que representam, por essa falta geral de comprehensão dos direitos sagrados e inviolaveis do trabalho litterario.

— Felizmente que estes dez dias foram pacatos e serios e não trouxeram novidades e acontecimentos importantes para a chronica.

Se os tivessem trazido ver-nos-hiamos seriamente e embaraçados agora, tendo que começar a historiar a semana no meio do vigessimo quarto. N'estes dez dias tivemos apenas o encerramento do Colyseu e a abertura da explanada, dois acontecimentos que não pedem muita prosa, e a distribuição de premios aos alumnos das escolas municipaes cerimonia pomposa, em que se podia gastar muito estylo havendo necessidade d'isso mas que, faltando espaço, como hoje nos falta, basta apenas mencionar, porque tem na sua significação civilisadora tão alta gloria, que escusa do esfusiar de adjectivos para a pôr em evidencia.

Gervasio Lobato.

JOÃO SANCHES DE BAENA

Portugal vae dentro em breves dias pagar uma divida sagrada de gratidão.

Está alevantado, e vae inaugurar-se o monumento que alguns portuguezes, representados na *Commissão Central Primeiro de Dezembro de 1640*, consagraram á memoria dos restauradores da independencia de Portugal, realisada n'aquella época memoravel.

A historia registara em suas paginas o sublime heroismo de um punhado de Portuguezes em favor da patria escravizada.

Era preciso, porém, que outra qualidade de monumento realfirmasse, de um modo bem patente e solemne que, nas epochas de descrença que tem, nos nossos dias, invadido tudo quanto existe de mais nobre e de mais santo, nem desmaiara o patriotismo, nem esmorecera o zelo dos que preferem a patria a quaesquer outros interesses, e desejam vêr sempre levantado e honrado o glorioso estandarte das quinzas Portuguezas.

Eram calamitosos aquelles tempos.

A navegação desanimada e pobre, — a lavoura em abandono, — o commercio paralyzado, — a tristeza do captiveiro no animo de todos, — a pobreza envergonhada mendigando nas ruas, — a saudade da independencia cada vez mais viva e ardente, — o erario pobre, — todas as fontes de riqueza esgotadas e secas.

Eis em traços largos o medonho quadro que representava a Monarchia Portugueza, quadro ainda carregado pela indignação, sempre crescente, contra um poder tyrannico, que havia levado aos ultimos extremos da paciencia um povo brioso e digno, que a Europa e o mundo inteiro estavam acostumados a respeitar e admirar pelos seus descobrimentos e conquistas, e pela sabedoria de suas leis e instituições.

Nascera, portanto, d'este estado de cousas, a idéa da revolução e do levantamento do paiz.

A Monarchia Portugueza ia erguer a fronte, empunhar as armas, e disparar o primeiro cunhão contra os seus dominadores.

Se a revolução, porém, de 1640, estava feita nos animos, nos desejos, nas impaciencias de todos, quando rebentou, é certo que se não fossem quarenta Portuguezes corajosos que se reuniram e iniciaram o patriotico movimento, não haveria então essa brilhante pagina de heroismo na historia Portugueza.

Busquemos, pois, nos archivos da historia que com seu buril severo gravou as feições dos grandes vultos, que se distinguiram na epopeia gloriosa de 1640, e destaquemos d'entre esses os que n'ella tomaram parte mais activa e brilhante.

Apresenta-se-nos em primeiro lugar, João Sanches de Baena, alma e pensamento do grande feito.

Extractaremos do que se acha escripto acerca d'elle, alguns dos traços mais importantes da biophia d'este varão illustre, cujo retrato devemos á benevolencia do seu respeitavel descendente o visconde de Sanches de Baena, herdeiro tambem de todas as qualidades patrioticas que enobreceram seu illustre avô, e tão grande parte teve tambem no levantamento do monumento que se acaba de crigir aos restauradores.

O dr. João Sanches de Baena, filho legitimo de Pedro Alvares Sanches e de sua segunda mulher D. Maria, nasceu em Lisboa em 1581.

Logo nos primeiros annos mostrou intelligencia não vulgar e grande disposição para a carreira das letras; e tendo seguido em Coimbra os estudos da jurisprudencia, foi receber a for-

matura em direito na universidade de Salamanca em 1600, que n'aquella época tinha uma grande celebridade, e tendo apenas então 19 annos.

Principiando a exercer o magisterio em Coimbra, em cujo desempenho mostrara grande competencia como lente de canones, passou d'alli ao lugar de desembargador da relação do Porto, por despacho de 21 de janeiro de 1614.

A inteireza e probidade que revelou no exercicio das graves funcções de julgador, não só lhe valeram a mercê do habito de Christo em 1619, mas pouco depois a promoção a desembargador da casa da supplicação, por decreto de 1621.

Successivamente nomeado promotor das justicas, — desembargador agravista, — conselheiro da fazenda, — juiz das justificações do reino, — e finalmente procurador da corôa e desembargador do Paço em 1637; — deixou o doutor João Sanches de Baena, em tão importantes funcções e em tão brilhantes e eminentes cargos, vestigios os mais valiosos da sua vasta intelligencia, actividade e honradez.

Por esse tempo recebia tambem o intelligente funcionario a carta de brazão d'armas da familia Baena, das quaes usara seu bisavô Fernando de Baena.

De tão honrosos e elevados cargos, recebeu, é claro, valiosos proventos, os quaes juntos aos bens proprios que possuia, transferidos por legitimas heranças, na maior parte vinculadas, lhe constituiram um rendimento de dezeseis a vinte mil cruzados, como consta de documentos ainda hoje existentes nos archivos da relação de Lisboa.

Tinha chegado por esta época ao seu auge o soffrimento da nação.

O descontentamento era geral — a luz da independencia ia espalhando os seus brilhantes raios, — a nação ia retomar o seu lugar.

A França promettia ajudar-nos na patriotica empreza.

Quando em 1638 o emissario do duque de Richelieu veio a Lisboa tratar da nossa emancipação politica, o dr. João Sanches de Baena, com o chanceller das tres ordens militares, dr. João Pinheiro, trataram com o *sieur de Saint-Pé*, de levar ao conhecimento do duque de Bragança varias propostas concernentes áquelle fim, e tanto assim foi, que o proprio duque pedia a Sanches de Baena que lhe mandasse rascunhos do que devia responder a semelhante respeito.

Na posição elevada a que havia chegado Sanches de Baena, vieram encontrar-o, pois, as primeiras tentativas de restauração.

Ligado por seus antepassados á casa de Bragança (a cujo amparo viera acolher-se de Castella, em principios do seculo xvi, seu bisavô Gil Alvares Sanches, cavalheiro de S. Thiago), e entretendo elle proprio com o duque D. João, desde 1631, uma correspondencia seguida sobre negocios de familia e estado, ninguém mais que elle estava, por conselho, experiencia e idade, nos termos de inspirar ao futuro monarcha uma plenissima confiança.

E foi em virtude d'esto, que vindo D. João a Almada em 1639, lhe mandara communicar, por João Pinto Ribeiro, as primeiras noticias das disposições que já então se tomavam para a restauração, sendo encomendado ao mesmo Pinto que houvesse de conferir com elle e seguir o seu parecer.

Na representação ou memorial de serviços que em 1683 dirigiu ao então regente e logo depois rei D. Pedro II, o filho do dr. João Sanches de Baena, requerendo a remuneração dos serviços de seu pae; e que aqui vamos transcrever, acham-se elles claramente comprovados.

Falleceu em 12 de junho de 1643 o dr. Sanches de Baena, e trinta dias depois da sua morte quiz o rei D. João IV manifestar o seu reconhecimento, mandando passar uma portaria em que fazia a mercê de oitenta mil réis de tença para a viuva d'aquelle benemerito da patria, como consta da chancelaria de D. João IV, livro 1.º a fl.º 130, v.º

Eis a representação na sua textual octographia:

«Senhor: — Luiz Sanches de Baena representa a V. A. que João Sanches de Baena, seu pay servio nos Lugares de Letras de maior reputação por espaço de trinta annos: comessando na Relação do Porto, proseguindo na Casa da Supplicação, continuando no Conselho da Fazenda e acabando no Desembargo do Paço, procedendo com summa inteireza na administração da justiça, e com particular estudo na limpeza dos procedimentos de que deixou boa memoria.

«Hera João Sanches de Baena por seus Pays e Avoz criado da Serenissima Casa de Bragança, e como tal teve com elle estreita correspondencia o Sr. D. Duarte Marquez de Frechilla, e

Conde de Vropeza, filho da Sr.^a D. Catharina, irmão do Sr. Duque D. Theodozio, avô de V. A. na forma que testemunhão as suas cartas que se offerecem.

«E sabendo o Sr. Rey D. João, pay de V. A. deste tracto, mostrou que o desejava proseguir, e fazer successivo com João Sanches de Baena, escrevendo-lhe hua carta de Villa Viçosa em 3 de Fevereiro de 1631, que vai junta, e diz assim:

«A noticia que tenho das obrigações que nesta caza temos a V. m. e da correspondência que havia entre V. m. e o sr. D. Duarte, meu thio que Deus tem, me faz desejar ter a mesma, vallendo-me do bom animo em que V. m. se achou sempre para as nossas cousas, que eu em todos os tempos reconhecerei.

«E sendo cousa tão importante a confirmação dos seus estados, logo na mesma Carta se quiz valler o mesmo Sr. do seu conselho, diligencia, e industria: entendendo que era tal a capacidade de João Sanches de Baena, que para os acertos do seu serviço teria prudencia e cuidado, e simulação, que isto importa a concluzã da mesma Carta, que diz o seguinte:

«Estimarei que me dê seu parecer, dizendo-me a forma em que isto se deve fazer: e se julgar que deve ser por carta, folgarei de que V. m. me mande hua copia della, porque como pode ter algumas clausulas, e havendo necessidade de informar-se V. m. de outras pessoas-fio da boa manha de V. m. que o fará com todo o recato, que convém.

«E assentada esta correspondencia continuou João Sanches de Baena no serviço do dito Sr. com tal prestimo, cuidado e zelo que mereceu da sua Grandeza repetidas confissões de obrigado, e reiteradas promessas de agradecido; e sobretudo mereceu que o mesmo Sr. se humanasse tanto com a sua pessoa, que nem houve occasião de pezar, em que não se alternassem os avizos, nem successo de gosto, que não mutassem as gratulações: como tudo mais altamente se mostra d'as mesmas cartas que se apresentam.

«E chegou a tal extremo o bom serviço de João Sanches de Baena com o dito Sr., e foi tão experimentada a sua fidelidade e o seu animo, que lançando-se a primeira pedra no edificio da sua acclamação, quiz o mesmo sr. que João Sanches de Baena, Fosse o Primeiro Artifice, Mandando: e em Segundo que João Pinto Ribeiro lhe Desse a Primeira Noticia, e Seguisse o seu Parecer, mandando-o chamar a banda D'allem.

«De maneira que servio ao dito sr. em todos os acontecimentos, e por todas as partes, porque lhe servio a Caça, a pessoa e fortuna: e fazia tanto caso o Sr. Rey D. João da fidelidade delle João Sanches, que em quanto vivéo, que foram quatro annos depois da sua felix Acclamação, se lhe encarregou todo o negocio da Inconfidencia; que n'aquelle tempo não se passarão nenhuma cartas para Castella para os negocios dos Vassallos de terra e outra Corôa, que não fosse por registro seu; e por essa razão foi o Primeiro Condemnado em Castella por Traidor, como he notorio.

«De todos estes serviços não pediu João Sanches alguma satisfação em quanto vivéo, tendo tão bons valledores, nestas cartas, para aspirar a hu augmento tão consideravel que servisse de Padrão honroso, em que seus filhos tivessem eterna memoria de sua pessoa, e illustre exemplar de suas accões.

«Acha-se Luis Sanches de Baena successor da Caça de seo pay, sem nenhuma mercê: e como até agora não sahirão a publico aquellas cartas, Alvarás de lembrança de summa estimação, os apresenta a V. A. esperando da sua Grandeza o seu desempenho, e neste o seu requerimento com as pretensões seguintes.»

Luis Sanches de Baena, tomando conta da casa, por morte de seo irmão primogenito, tratou de sollicitar a commenda que pelos serviços do pae d'ambos lhe tinha sido prometida e não cumprida, e vendo que eram infructíferas as suas diligencias, ajuntou (bem a seo pezar) as cartas de D. João IV. A vista dellas não houve mais duvidas a pôr, e foi logo despachado, e cumprida a promessa feita.

No resto da representação formulou o requerente diversos pedidos de mercês, e que entendemos dever omittir para não allongar este pequeno trabalho.

Accrescentaremos, porém, que o Dr. João Sanches de Baena nos quatro annos que sobreviveu á restauração de 1640, não consta que elle pedisse graça ou mercê por serviços prestados por si, nem ainda pelos de seus Avós, que todos serviram a casa de Bragança, e eram da obrigação della, sendo comtudo certo que logo em Ja-

neiro de 1641 lhe foi por D. João IV conferido o fôro de Fidalgo Cavalleiro, bem como o de moços fidalgos, com exercicio no Paço, aos quatro filhos que então tinha.

Terminamos aqui este imperfeito trabalho, digno decerto de penna mais bem aparada.

Esboçamos apenas os principaes traços da biographia d'um dos vultos d'aquella geração de fortes que foi um dos primeiros na gigantesca empreza que deo a independencia a Portugal.

Depois de nós, completará este esboço quem maior competencia tiver do que nós.

Lisboa 2 de Fevereiro de 1883.

André Meyrelles de Tavora.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 167)

II

Nós iamos de Lisboa, e ainda mais de Talavera de la Reyna muito precavidos contra a cosinha hespanhola.

Quando nos sentámos á mesa no hotel dos Embaixadores estavamos um pouco assustados:

Iriamos encontrar-nos com essa cosinha d'azeites, ali n'aquella mesa tão alegre, e com o nosso estomago tão bem preparado, pela fome, para um bom jantar?

Pouco a pouco, ou antes prato a prato esse terror e essa fome começou a dissipar-se.

O jantar era magnifico e o cosinheiro era francez; ou antes era um hespanhol que fallava bem francez, porque de vez em quando a naturalidade trahia-se-lhe n'um bocadinho d'azeite.

Trahia-se-lhe por exemplo nos espargos, uns espargos soberbos, grossos como bengalas e gostosos como bons espargos do Aranguéz, que eram; mas que o demonio do cosinheiro serviu com azeite e vinagre.

Foi essa a unica syllabada hespanhola que deu n'esse primeiro jantar: nos outros deu mais algumas, mas nunca tantas que escandalissem demasiadamente o nosso paladar.

Os espargos são uma das maravilhas da Hespanha; ha-os deliciosos e n'uma abundancia extraordinaria, como os repolhos e os nabos em Portugal. Nós aqui que pagamos por 360 réis, e ainda ha pouco por 500 réis uns molhosinhos pequenos de espargos, mal comprehendemos como se podem vender abádas de espargos enormes e magnificos a 30 réis e a pataco.

Essa abundancia, tira-lhes como não pode deixar de ser, grande parte da sua estimação, e os espargos que em Portugal apparecem em poucas mezas, e constituem um prato delicadissimo de banquete, são em Madrid uma trivialidade tão grande, que é banida dos grandes jantares de luxo.

O mesmo que acontece com os espargos acontece com o Salmão, esse peixe delicioso, que em Lisboa é tão caro e raro.

Em Hespanha o Salmão anda a rodo, é a sardinha dos pobres.

Desde que entramos em Madrid até que de lá sahimos nunca nos sentámos á mesa para almoçar ou para jantar que o Salmão nos não viesse fazer companhia.

Era já uma scié, e detestavel, porque no fim de contas o Salmão que é delicioso comido como raridade, não se pode supportar quatro dias a fio.

Quando elle apparecia á mesa, nós tinhamos já estremecimentos de horror.

Finalmente um dia recebemos convite para o banquete que a imprensa portugueza offereciam os jornalistas de Madrid.

Exultámos.

— Hoje estamos livres de Salmão? pensámos cheios de alegria.

Fomos para o banquete, e conversávamos muito entretidos com o sr. Moret, o grande orador da Hespanha, o emulo de Castellar, quando de repente ao pôr-nos um criado um prato deante de nós, soltamos um grito de horror.

Era o Salmão, o implacavel Salmão.

Nem ali nos deixára, nem ali lhe escapámos.

E quando ao metter-nos no comboio de Lisboa, na estação das Delicias ao despedir-nos do sr. Aguilera, um dos mais notaveis e dos mais sympathicos jornalistas madrilenos, e dos que

mais nos obsequiaram em Madrid, e ao deixarmos aquella ruidosa cidade onde tantas horas alegres tinhamos passado, consolou-nos da tristeza da despedida, o Salmão.

E quando o comboio soltou o seu prolongado silvo, e começou a caminhar, nós soltamos um suspiro de grande alivio, suspiro que foi correspondido por todos os nossos companheiros de viagem.

— Estavamos livres do Salmão da Hespanha.

III

Depois de jantar fomos todos, processionalmente, em provincianos — a familia Ramyres, de Guimarães, como nós nos appellidámos a nós proprios — visitar os cafés de Madrid.

Ahi é que foi grande, enorme, o nosso deslumbramento.

A começar pela illuminação de Madrid á noite, que não se parece inteiramente nada com a escuridão que mediante não sabemos quantos contos de reis annuaes a companhia do gaz fornece ao municipio de Lisboa.

As ruas são esplendidamente illuminadas, os candieiros dão uma bella lux abundante, pelos typos d'esses bicos de gaz, que não sabemos para que a camara municipal experimentou algumas noites na rua Nova do Carmo, e depois retirou, parece que por darem excellentes resultados.

As Puertas do Sol então parecem uma praça de Lisboa em noites de luminarias.

E parecem-n'o, pela claridade e pela multidão que constantemente recebe essa praça. Uma animação, uma vida ruidosa e alegre, completamente desconhecida em Portugal.

Os cafés são deslumbramentos para os lisboetas habituados ás solidões do Martinho e da Aurora Peninsular.

Salas enormes, illuminadas brutalmente mesmo, com uma grande prodigalidade de luz, constantemente apinhadas de gente, que bebe chocolate, que toma sorvetes — uns sorvetes enormes e esplendidamente feitos — que sorve *assucarillos*, e que falla, e ri, e conversa, n'uma grande espansibilidade alegre que enche os echos de ruidos de festa e de prazer, desconhecidos a ouvidos portuguezes.

E' no café que a população de Madrid, a população masculina e femenina, vive, conversa, negocia, trata da sua vida.

Quando se quer procurar alguém é inutil procurá-lo em casa, ou nos gremios, ou nos theatros, — geralmente pouco concorridos — é procurá-lo no café.

Ha-os de todos os generos e para todas as classes.

O melhor, o mais elegante, o mais distincto, o café da *hante gomme* de Madrid é o celebre café *Fornos na Calle d'Alcalá*.

E' ahi que se cosinha melhor, que se fazem os melhores jantares, e os melhores conhecimentos, onde vão as altas individualidades artisticas, litterarias e politicas de Madrid, e as *cocottes* mais elegantes e fidalgas.

O café Madrid, na *calle d'Alcalá* com entrada pela *carrera S. Jeronymo* é mais ruidoso e mais deslumbrante ainda que o *Fornos*.

No meio do amplo recinto do café, ha um lago, com repucho, illuminado todas as noites a luz electrica, e onde toca permanentemente desde que anoitece uma companhia de bandurristas.

Esse café, porém, é menos bem frequentado: o seu publico é mais mesclado, menos escolhido, e depois das nove horas é ali o *rendez-vous* da galanteria barata de Madrid.

Nas *puertas del Sol*, ha o Café Imperial, muito inferior em luxo aos outros dois, e que tem a capacidade dos *toreros*.

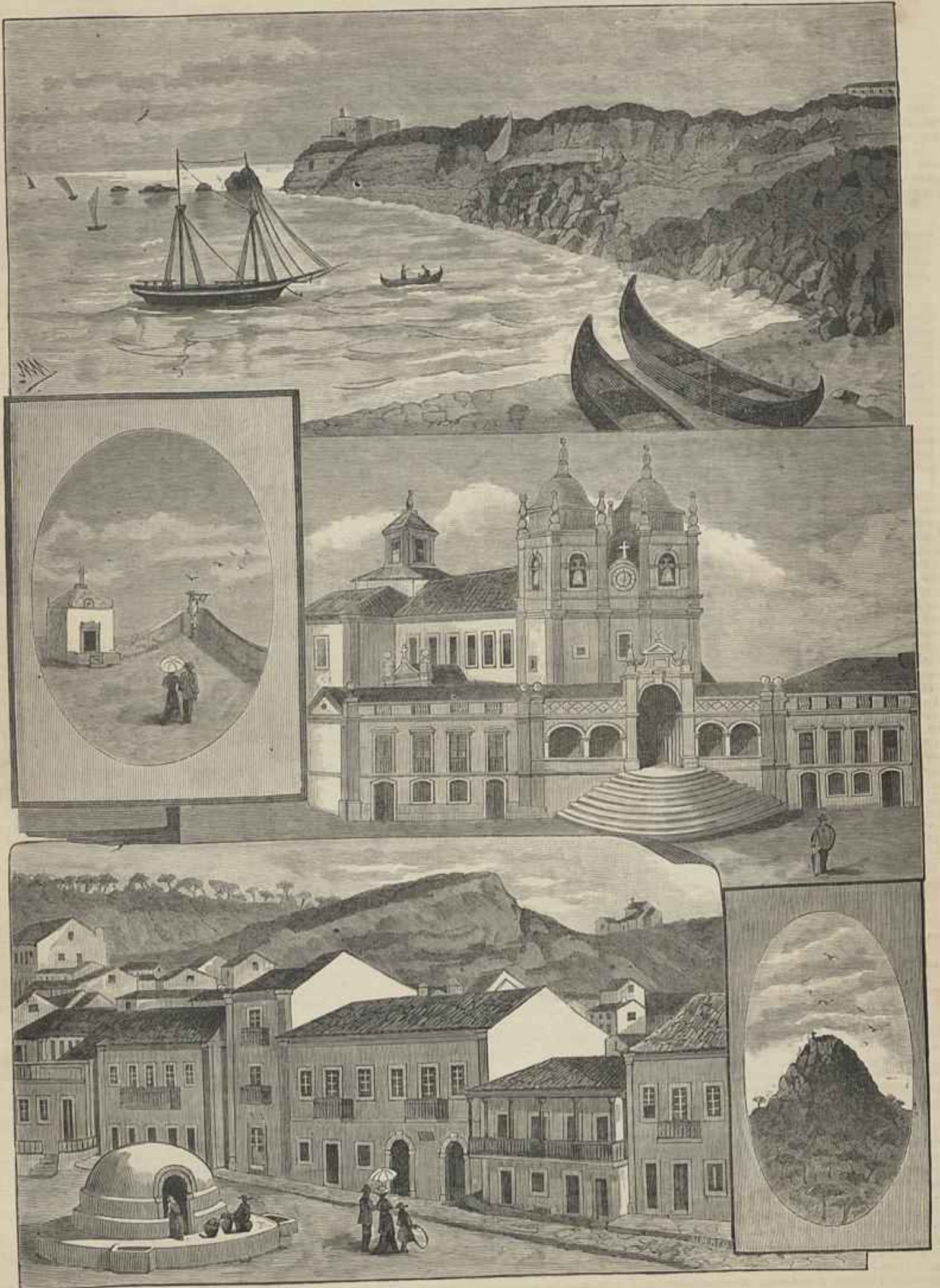
E além d'estes e uma immencidade de cafés, mais ou menos elegantes, mas de que o peor é mil vezes melhor do que o melhor de Lisboa, e que desde o anoitecer até ás duas horas da noite estão permanentemente cheios.

E ao vér a multidão que enche esses cafés, que enche as principaes ruas, que povoa de tarde o *Buen retiro* e o *Prado*: a gente pergunta espantado onde é que n'uma terra pequena como Madrid vive tudo aquillo.

E não encontramos senão a resposta d'aquelle francez que ao vér a pequena Madrid, e a immensidade de gente que a povoa explicava: que a população era tão grande que não cabia nas casas e que para poder alojar-se metade da gente, a outra metade tinha fatalmente que andar pela rua, até lhe chegar a vez de render a que estava em casa.

(Continua).

Gervasio Lobato.



A NAZARETH (Segundo desenhos do natural por Luiz de Souto)

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA
DE
ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuação do n.º 166)

XLIV

Ha tantas coisas n'esta sala para examinar detidamente, que não poderíamos acabar, se quizessemos analysar tudo meudamente.

O n.º 91 é um vaso de vidro com pé; uma faixa de pinturas douradas e de cores adornam a parte superior. É provavelmente hespanhol e do seculo XVII.

Uma das coisas mais curiosas porque eram as unicas da exposição no seu genero, com mais uns pratos da sr.ª duqueza de Palmella, eram os artigos que tinham os n.ºs 88, 163 e 186, todos de esmalte claustrado.

Representava o primeiro um par de caixas, proprias para conter tabaco ou outras coisas, em forma de aves; e os outros eram dois pares de jarras tambem da mesma natureza, representando o esmalte flores, folhas e varios ornatos de diferente colorido sobre fundo azul.

O n.º 155 era uma das maiores curiosidades da exposição, e o artefacto, talvez o mais singular d'ella.

Era um orgão. Fechado, representa uma caixa estofada e forrada de seda cramezim. Abre-se longitudinalmente em duas partes iguaes, tem um espaço onde se accomoda o teclado. Os dois fundos formam tres divisões em cada metade, ven-

do-se nas paredes lateraes uma serie de gavetas. Nas tampas das divisões estão gravados sobre laminae de marfim pequenos quadros de assumptos sacros, o que tambem se vê na caixa do teclado e faces internas. Tambem apresenta algumas pedras de cores, cravadas no ebano e marfim cobertos de varios ornatos. Nas subdivisões de um dos espaços está um pequenissimo contador coberto tambem de figuras e de ornatos, medindo 0,65 de altura por 0,04 de largo com sete gavetas. As orlas são forradas de seda vermelha guarnecida com galão de fio de ouro, formando quadros com ornatos de prata lavrada. A parte estofada encobre o folle, e na face interna da travessa que cobre os tubos está escripto: ARSACYS. GEYER. H.C. OPVS. FACIT. 1591.

Tem vinte e quatro teclas com dezeseis de sustentidos, comprehendendo perto de tres oitavas e meia do mi grave a sol sobre agudo; se nos bem recordamos.



POVOA DE VARZIM — PRAÇA DO ALMADA E PAÇOS DO CONCELHO — (Segundo uma photographia de Fritz)

Naturalmente pertenceu a alguma freira, a quem seria dado como brinde e valiosissimo que era.

XLV

Outro movel tambem curioso e que atrahia a attenção dos visitantes pela sua belleza, era o lindo leito de ebano com docel que tinha o n.º 172.

A cabeceira é toda ornamentada com prata lavrada e levantada, deixando entre si doze quadros envidraçados de diversos tamanhos e formas, mas guardando symetria; o do centro que é o principal, tem pintado o coro das musas, por cima a dança e nos outros Leda e Jupiter, Vulcano e Venus, o rapto de Europa e outras scenas mythologicas; nas pilastras e cimalthas que separam os quadros, columnas que sustentam o docel estão cobertos com vidro, varios ornatos pintados a cores em fundo dourado. A cabeceira é encimada

por um escudo entre duas palmas enlaçadas superiormente, tendo dois leões em pé com coroa de conde; são as armas da casa de Sabugal. Comprimento 2,56; largura 2,04, altura das pilastras 2,97. Seculo XVIII.

Assim é descripto no catalogo; porém, a mais de uma pessoa se afigurou que não podia ser tão moderno. Não fomos o primeiro a dizel-o.

O estilo indica ser obra italiana, e parece antes do seculo XVI. O que naturalmente lhe fez suppor uma data mais proxima foi o estilo das pinturas da cabeceira, mas comparando bem estas com as diversas pinturas sobre vidro que adornam os pilares, se reconhece que foi uma substituição mais moderna, pois nenhuma paridade ha entre umas e outras, e as segundas assignam ao leito uma epoca mais antiga.

Não sairemos d'esta sala sem assignalar o n.º 161, o unico artefacto do seu genero que encerrava

a exposição. Era um par de sapatos de dama, de damasco lavrado, terminados em bico; os tacões altos tambem forrados de vermelho de altura 0,1 quasi que envergonham os que as nossas elegantes ainda ha pouco tempo usavam, e que nem todos os conselhos dos medicos foram ainda capazes de desterrar.

Apontaremos, mas sem os descrever, remetendo os leitores para o respectivo catalogo o n.º 175 panno d'Arraz; o n.º 176, pintura em lamina de cobre allusiva á installação da ordem dos Agostinhos descalços, e no qual se acham representadas a rainha D. Luiza de Gusmão, e seus filhos el-rei D. Affonso VI e D. Catharina, rainha de Inglaterra.

E o n.º 178 onde se acham o Papa Julio III com a familia real portugueza D. João III, rainha D. Catharina, principe D. Sebastião, e infantas D. Izabel, D. Joanna e D. Maria.

R.

FRANCISCO ESTEVES D'OLIVEIRA

MEDICO MUNICIPAL DE MANTEIGAS

A carta e artigo que vão ler-se, são mais um acto virtuoso do nobilissimo character do dr. Sobral, de quem o nosso periodico publicou retrato, e registou o heroismo a pag. 75 e 80 do presente volume.

A sua honrosa collaboração, que muito agradecemos, devida n'este caso a um generoso impulso do seu coração, permite-nos satisfazer a um gratissimo dever de justiça para com o medico insigne, cuja dedicação e serviços tem sido tambem um heroismo.

Brito Rebello.

Manteigas, 20 de agosto de 1883:

Amigo — Depois de agradecer as suas repetidas provas de amizade e affavel distincção, venho pedir-lhe a publicação da inclusa biographia e retrato no OCCIDENTE.

Só o intimo desejo de satisfazer aos sinceros impulsos da minha consciencia me desculpa de semelhante pedido.

Contado na sua boa amizade, desde já agradeço a benevolencia acquiescencia, e sou

De v. etc.

Vasconcellos Sobral.

Polga minha alma, quando ao the antolha
A canella virtudo,
E varões dignos da lavour me ludica.
Sup. Post. de Magalhães.

Francisco Esteves d'Oliveira, que hoje vem tomar lugar na galeria do OCCIDENTE, é um dos illustres combatentes que se impozeram o dever de profligar a lethifera molestia de Manteigas.

Filho de paes abastados, e natural da povoação de Teixoso, proximo da Covilhã, onde nasceu a 18 de dezembro de 1851, Francisco Esteves, ainda moço, foi mandado frequentar as aulas de instrucção secundaria no Lyceu da Guarda; e ahí, pela sua rara penetração, aturado estudo e exemplar comportamento, mereceu, não só approvação com louvor nas disciplinas que aprendeu, mas tambem a estima e consideração de seus mestres, condiscipulos e contemporaneos.

Habilitado com os demais preparatorios que lhe eram precisos, matriculou-se Francisco Esteves no primeiro anno medico da Universidade de Coimbra; e frequentando o curso com assiduidade e distincção, concluiu a formatura a 31 de julho de 1880. Em agosto do mesmo anno tomou o joven medico conta do partido da Certã, vindo para o de Manteigas em julho de 1882.

Grassava já aqui então a epidemia, que tantas vidas ceifou e que tanto brado tem levantado dentro e fóra do paiz.

Todos sabem a historia commovedora d'esta infeliz povoação que a Serra da Estrella tornea com seus alcantis gigantesco; mas o que ainda muitos ignoram certamente, é que, antes da terrivel maligna tocar o seu auge de assolação, dois benemeritos, dois sacerdotes da sciencia, dois martyres do dever, lutaram com admiravel denodo contra o mortifero typhus. Um, o medico José Correia Tanganho, rapaz ainda, na flor dos annos e da intelligencia, depois de uma vida curta, assignalada por uma alta comprehensão da sua sublime missão, succumbiu, some-se para sempre em o pó do tumulo!

Pótre manzebo! no fervor d'ossa alma
Au colher da futuro a verde palmas
Na covã troncos!

(Ostinio d'Alreu).

O outro, Francisco Esteves, o nosso biographado, cáe tambem ferido do lethal morbus em principio de dezembro de 1882: mas esse, felizmente, salvou-se.

Mal convalescente ainda, em fevereiro do corrente anno, regressa briosamente ao seu posto, a continuar com ardor na perigosa campanha contra o inimigo que o prostrara no leito da morte. Nada mais bello, nada mais heroico do que a simplicidade e abnegação com que esse medico, convalescente ainda, volta para a actividade da peleja!!!

A sublimidade d'esse grandiosissimo acto durante o periodo mais agudo do flagello de Manteigas, e o nobre impulso tão proprio de um honrado character, não devia de nenhum modo ficar no escuro e completamente ignorado: é por isso que hoje apresentamos n'um plano illuminado pela justiça e pela verdade o nome do dr. Francisco Esteves d'Oliveira, em signal de

homenagem á virtude, ao talento e á dedicação em prol da infeliz humanidade, e como incitamento aos vindouros, que não deixarão, por certo, de admirar e respeitar, como nós, o insigne medico e prestante cidadão que bem merece da patria.

Manteigas, 17 de agosto de 1883.

Vasconcellos Sobral.

AS NOSSAS GRAVURAS

A NAZARETH

Na provincia da extremadura, concelho d'Alcobaça, districto administrativo de Leiria, está situada a historica e poetica Nazareth, sobre um promontorio a 105 kilometros ao N. de Lisboa, na costa do Oceano Atlantico, em 39° e 36' de latitude N. e 40° de longitude Occ.

Junto da base d'este promontorio está assente a bonita povoação da Praia, tão afamada pelos seus excellentes banhos.

E tão conhecida a lenda da Nazareth, que seria ocioso recontal-a aqui.

Todos os annos é recordado o milagre, que a Virgem fez a D. Fuas Roupinho, nas pomposas festas que ali se fazem no mez de setembro, ás quaes concorrem milhares de pessoas de diversos e longiuos pontos do paiz. As denominadas primeiras festas tem lugar no dia oito do referido mez e são celebradas a expensas da administração da Real Casa da Nazareth; as segundas, que duram tres dias, na semana seguinte, feitas pelos romeiros que ali affluem, havendo por essa occasião corridas de touros, fogos de artificio, theatro, etc., etc.

Foi a Nazareth cabeça de concelho, extinto, porém, por decreto de 24 de outubro de 1855, passou a ser annexado ao d'Alcobaça.

A Praia é concorridissima durante os mezes d'agosto, setembro e outubro, por centenas de banhistas de distantes localidades, não só de Portugal, como do reino visinho. N'ella se encontram todas as commodidades, e tudo quanto é necessario á vida incluindo, excellente e variado peixe que o ha ali em grande abundancia e do melhor. Tem optimo mercado diario, cafés, bilhares, club, theatro, pharmacias e estabelecimentos commerciaes magnificos.

O desenho que hoje publicamos é devido ao sr. Luiz Augusto de Souto, de Leiria, artista amador.

A primeira parte da gravura representa o bonito golfo com os seus barquinhos de pesca ao longe, e o promontorio, em cujo extremo está edificado o forte de S. Miguel, hoje em ruinas; depois segue a capellinha que commemora o milagre da virgem a D. Fuas, proximo do rochedo em que se operou; o terceiro desenho representa o templo de Nossa Senhora; á esquerda da estampa vé-se em baixo o monte São, que dista dois kilometros da Praia, conhecido ao presente por monte de S. Bartholomeu, em virtude do Santo d'aquelle nome, que lá se venera em alvejante capellinha, e onde, como é sabido, D. Rodrigo, o ultimo rei dos Godos, e o Monge Romano, estiveram occultos por algum tempo, tendo em seu poder a Virgem da Nazareth, trazida por elles de Mérida, depois da celebre batalha do Guadalette. Em baixo e á direita da gravura representa-se o larga, denominado da Madeira na Praia, onde está um poço de forma abobadada, que abastece de abundante agua potavel a povoação; a montanha que se vé ao fundo do quadro conhecida pelo nome de Peiralva corrupção de pedralva, por ser quasi toda branca, serve de ponto de mira aos pescadores do mar alto.

Sobre esta montanha vé-se a capellinha de Nossa Senhora dos Anjos, junto da extincta villa da Pedreira, sede da freguezia.

Gozam-se da Nazareth esplendidos pontos de vista, admiraveis panoramas de uma poesia indizível.

POVOA DE VARZIM — PRAÇA DO ALMADA
E PAÇOS DO CONCELHO

Praça do Almada é a denominação que tem toda a area comprehendida na frente e lados do magestoso edificio dos Paços do Concelho, e vulgarmente conhecida por Campo da Feira.

O bello edificio da camara, que captiva a attenção do viajante, foi fundado pelo honrado cidadão Francisco d'Almada e Mendonça, no reinado de D. Maria I cuja provisão para esta obra, foi lavrada em 21 de fevereiro de 1791. E' de forma quadrilonga, constando de um andar no-

bre com muitas janellas bem rasgadas sobre arcos de cantaria.

As aguas-furtadas e parte do andar nobre serviram, antes do hospital actual, de hospital provisório.

Levantadas na cimalha, e lavradas em pedra de granito estão por cima da janella principal d'este edificio, as armas reaes.

As repartições que n'elle funcionam são: camara municipal, administração do concelho, tribunal judiciario, conservatoria do registro predial e hypothecario, repartição de fazenda e recebedoria da comarca. Tem tambem bibliotheca, gabinete do architecto municipal, e além d'isso um salão e quartos onde podiam ser accommodados os cartorios dos escriptas do juizo. No mesmo edificio está a cadeia da camara que ficou em muito boas condições com a reforma e acrescimo que ultimamente teve.

Ao lado do poente da Praça do Almada está uma praça do mercado diario, muito regular e arborizada, toda gradeado exteriormente e com tres entradas.

A paginas 85, 92 e 229 de 5.º vol. d'este periodico temos, publicado outras gravuras e artigos respeitantes á Povoia de Varzim.

A GRANDE FESTA ESCOLAR DO MUNICIPIO DE LISBOA

Desde que a lei devolveu aos municipios o encargo da instrucção popular, que é a mais poderosa alavanca do progresso moderno, tem havido difficuldades e hesitações no cumprimento d'essa medida por parte de alguns municipios.

O de Lisboa, porém, tem-se tornado singular e notavel entre todos, pelo cuidado, zelo e desvolvimento prestado a tão momentoso assumpto. Cabe a honra ao sr. José Elias Garcia, de ter sido o primeiro que, com escassos meios e ainda pouca decisão da parte da camara municipal, encetou a organização das escolas municipaes, e tal impulso e robustez lhe imprimiu, que essa nobre instituição tem recebido dos seus successores toda a dedicação e estimulo.

Domingo 26 de agosto lindo, consagrava-se e recompensava-se por meio de uma distribuição de premios o trabalho de um anno escolar. O municipio, os professores e os diversos funcionarios, recebiam com os premios distribuidos aos alumnos, a exaltação e reconhecimento dos seus esforços.

A distribuição fez-se no Coliseo dos Recreios, á mingua de local mais apropriado.

Os alumnos marcharam das diversas escolas ao meio dia, onde lhes havia sido antes servido um *lunch* abundante.

O theatro do Coliseo fôra convenientemente preparado. Os vestibulos, escadas, corredores e galerias estavam adornados de vasos, arbustos e varias plantas formando grutas e massios de verdura. Estava tudo cheio de meninas e meninos, e de innumeravel quantidade de pessoas de ambos os sexos. Em todos os rostos fluctuava e resplendia a alegria.

No palco do theatro havia uma orchestra e um orgão, ao som do qual as meninas entoaram em coros, varios hymnos.

No lugar da orchestra havia sido erguido um estrado, sobre o qual se collocára um espaldar, ornado e encimado pela corôa real em estofo tecido de ouro e prata, e ahí posta a cadeira real.

S. M. el-rei o sr. D. Luiz acompanhado dos seus ajudantes e camaristas, e do sr. ministro do reino Thomaz Ribeiro, deu entrada no edificio, sendo recebido pela camara municipal e mais funcionarios.

O batalhão escolar, perfeitamente arranjado formava a guarda de honra e fazia a policia da festa.

Tomando S. M. o seu lugar, com a camara municipal á sua esquerda, leu o sr. presidente Rosa Araujo, uma singela allocução. Em seguida o sr. vereador do pelouro da instrucção leu o seu relatório, e o sr. provedor dos estudos foi lendo a relação dos premiados, aos quaes S. M. entregava pessoalmente os diplomas e medallas, dizendo algumas palavras de animação aos alumnos.

Estes premios consistiram em medallas de prata, de cobre e diplomas de honra.

Na solemnidade estiveram 21 escolas parochiaes com 1050 alumnos, 12 escolas centraes com 1400 alumnos, da 1.ª classe que são os de 5, 6 e 7 annos apenas estiveram os alumnos premiados.

Foi uma festa brilhante e sympathica onde se encontraram em fraternal união o throno, o municipio, o professorado e a infancia, na qual reside a esperanza e a aspiração do futuro.

R.

EM BUSCA DO VELLOCINO...

Mettera-se-lhe a ambição na cabeça, ao Manuel o mais poçante rapaz da sua aldeia, o mais querido das moças, que todas se enlevavam na sua forte musculatura, no vermelho das suas faces tiznadas e sadias, onde as linhas suaves da bondade, estamparam o magnetismo das atracções sympathicas e sentimentaes.

E elle era bom, arçimo da sua pobre mãe, que não via mais terra do que a terra que elle pisava; e era a esperança d'uma rapariga, a Antonia, que elle preferia entre muitas, que estavam promptas, obedientes ao seu olhar tranquillo e doce, lucilante de suavidades de amor.

Era um D. João campezero, sem astucias. Não artificiaua languidez, nem estudava a pose romantica das boas figuras terriveis, que se põem em evidencia nas plateias. Mas tinha da sua pessoa o fluido magnetico, que electricava as mulheres. Quando, naturalmente, a sua voz requebrada, mas forte, se levantava nas desfolhadas, havia abstracções, pausas no trabalho, scismadoras e olhares de terrivel inveja á Antonia — *a delambida, que ninguem sabia a razão porque era mais do que as mais...*

Pois estava ambicioso, o Manuel! Uma vez disseram-lhe que o Marquez Brasileiro, o comendador do palacio das vinte varandas, fôra um trabalhador como elle, um pobre diabo que o ganhava de dia para o comer á noite. Que o partira para o Rio, e que viera de lá assim como se via, vestido de ganga, de suissas, grande chapéo de Panamá, e caado com a D. Felismina, que arrastava sedas e cantava modinhas, que se ouviam altas horas no campo, em noites de luar de agosto.

Desde então andava sempre a matutar, o Manuel!

— O Marquez do palacio tambem cavára, como elle... E fôra ao Brazil...

— E se elle tambem fosse... De certo que o Brazil não era só para o Marquez! E se a Antonia, como a D. Felismina, arrojasse sedas; se como a D. Felismina a Antonia fosse a senhora reitora de todas as festas da aldeia...

— Sim, elle não era menos do que o Marquez... Um mundo de reticencias, de raciocinios e de pensamentos incompletos, mas muito sentidos em estremecimentos organicos, na ancia infinita das ambições inconscientes!

Fez-se reparo nas suas scismas. Às vezes não acabava as cantigas. Quedava-se, recolhendo-se como um sabio ou como um hypocrita.

Um chalacioso da sua amizade perguntava-lhe com interesse:

— Andas a pensar na morte da bezerra, homem?

O que tens tu, ó Manuel?

E elle respondia com palavras seccas ás largas interrogações impertinentes:

— Cousas!

— Cuidados de amor, meu felizardo?

E elle:

— Agora!

A pobre da mãe é que tinha lagrimas occultas para se alliviar d'uma infelicidade que ella pressentia, mas sem a comprehender.

O seu Manuel soffria de encantamento. Entrára com elle o mal, um mal desconhecido, para que ella tinha unicamente o remedio do seu pranto amargo, sem soluços, sem apparatus, mas um pranto de lava, abrazador...

Que terrivel o silencio das noites, immensas, no vaguear incerto do seu pensamento, incansavel, inutilmente pesquisador! O que teria elle? O que sentiria? O que era aquillo?

A impotencia para a decifração era a dôr maior, o maior dos soffrimentos. Porque se ella soubesse havia de dar remedio. Remedava, com certeza. Então para que servia ser mãe!

Às vezes aventurava-se, quando á comida, que costumava ser tão alegre, tão feliz, elle se enfastiava, sem poder levar a côdea do pão negro do seu trabalho:

— Mas o que tens tu, filho?

— Mas não tenho nada, mãe!

E o silencio continuava, na atmosphéra pesada e triste d'um immenso soffrimento...

Andou assim muito tempo, e é hoje sabido pela experiencia que estas preoccupações, como levam a herocidades, conduzem tambem a crimes; crimes que a lei castiga, e que muitas vezes desconhece na sua origem, que a sociedade condemna na inconsciencia das suas obrigações de moralidade.

O caso dava aqui para uma dissertação muito

declamatoria e muito erudita, em que o problema da nossa emigração se resolvesse pela moral. Mas não queremos resolver questões sociaes em novellas simplicies, correntes, meros episodios dos vastos romances que offerece o nosso pequeno mundo.

Afinal resolveu-se, tomando-se da *idea de ir*; e sem nada dizer á mãe, foi-se preparando, alimentando no espirito a idéa fixa de não se acobardar, *de ser homem*.

E de mais, a velhinha tinha com que passar, com que viver na sua modestia pobre e humilde — uns palmos de terra e a fiação, que lhe era passatempo e a fonte do seu peculio amontoado de largos annos.

Um dia disse-lhe que partia para o Alemtejo, como outros da terra, de que citava os nomes, em confirmação. Que estavam lá bons os salarios; que se poupava, que se juntava; que elle ia buscar algumas moedas d'ouro para acrescentar a fazenda.

Elle nunca lhe mentira, mas ella não o acreditava d'esta vez. Esmagada pelos presentimentos, comprehendia, mas sem se explicar que o filho lhe queria fugir.

— Parto amanhã, disse-lhe elle, a entrouxar a roupa. Não tenha cuidados, que hei de escrever, hei de dar noticias. A Antonia por cá hade apparecer; já combinámos.

E ella a chorar, e a rir tambem, um riso de consolação, de bondade santa; para o não mortificar...

De manhã tomou-lhe a benção, a arrebatou-se-lhe, com esforço, para não tremer, para resistir. O orgulho arrastava-lhe o coração; e a ambição — um iman, levava-lhe o sentimento, que o prendia, que o segurava!

A pobre mãe ficou-se para ali, estarecida, no espasmo idiota das situações indicifaveis, das cousas incoerçiveis que dançam macabramente nas imaginações enfraquecidas e atordoadas na inconsciencia d'um grande mal, d'um grande soffrimento.

Mas n'isto ouviu, escutando incerta e parvamente, o assobio estridulo, agudo, de locomotiva que se enche e se ganha de forças para desfilhar pelos campos.

A velha advinhou tudo n'aquelle momento: o seu Manuel ia para muito longe, para não mais voltar, para ella não mais o tornar a ver, a luz dos seus olhos, a vida da sua vida...

A estação ficava perto, e arrastou-se para lá, correndo.

Entrou. Na *gare* havia o pequeno movimento d'uma estação rural, de poucas relações economicas e agricolas. O comboio começava a andar, como que desdobrando-se, estendendo-se longamente, serpeando. Ao postigo, sobre os hombros de homens desconhecidos, olhando para os campos, e enchendo-se de saudade, de lagrimas e de resolução, ia o Manuel, o seu filho, para o Brazil, para ser rico como o Marquez vestido de ganga e possuidor do palacio das vinte varandas...

Então os empregados, no seu cynismo burocratico, viram indifferentemente que aquella mulher cahia em terra, a soluçar, de mãos postas, supplicando:

— O' senhor da machina, faça favor de parar...

Mas a pequenina voz perdeu-se, mal ouvida, e a locomotiva desapareceu, fazendo ecoar a sua voz gigante, e lançando victoriosamente aos ares um penacho de fumo que em espiraes se desfez no espaço, no ceu azul, ainda mais indifferente do que os empregados da estação...

Sergio de Castro.

RESENHA NOTICIOSA

MAIS UM FLAGELLO DA VINHA. — O sr. Vagnier observou nas vinhas da Bessarabia e da Crimea um novo flagello que denominou *phtapus vitis* e é um pulgão que parece pertencer aos *araclimideos*, de forma achatada, amarello-esverdeado, quasi transparente, muito mais pequeno que o *phloxera*, mas provido de antenas, como elle. As femeas são de uma fecundidade espantosa, pondo verdadeiras pyramides de ovos. Os vinhedos da Russia vão sendo devastados por este flagello. A molestia manifesta-se ao principio por pequenas manchas pardas á semelhança do mofo, que se desenvolvem na face inferior da folha, formando pelo crescimento, uma especie de tumores. Ao fim de oito dias a folha está completamente invadida, emurchece e cae; se a temperatura for humida e quente a cepa fica despida em pouco tempo. Observadas as manchas pelo

microscopio, apresentam a singularidade de parecerem montanhas, valles e grutas. Ao principio não se percebem os seres vivos, mas collocados sob a acção de um sol forte, veem-se então os pulgões sabirem em quantidade.

PREMIO OLIVEIRA MARTINS. — Uma commissão composta de varios cavalheiros do Porto, desejando prestar uma homenagem ao talento do illustre escriptor o sr. Oliveira Martins, deliberaram crear um premio, com aquelle nome, destinado a galardoar o operario que se distinguir entre todos os seus camaradas. Para esse fim resolveram abrir uma subscrição nas diversas casas industriaes da cidade do Porto, podendo d'este modo a classe operaria prestar a sua adhesão a este pensamento. A lembrança é meritoria, estamos persuadidos que em breve se verá convertida em proficua realidade.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA EM NICE. — O *Diario do Governo* de 23 de agosto findo, publicava varios esclarecimentos relativos á exposiçáo agricola que se ha de realizar n'aquella cidade, cuja abertura será no primeiro de dezembro proximo futuro, e o encerramento no 1.º de maio de 1884.

RAMAL DE VIZIU. — Já foi remetido ha dias ao ministerio das obras publicas o projecto d'este ramal, que deve communicar aquella cidade com a linha da Beira Alta. Foi elaborado pelo engenheiro Fiscal d'esta linha, o sr. Bento F. de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, coadjuvado pelos srs. Antonio Vasco da Gama Braga, e José Emilio de Sant'Anna da Cunha Castello Branco. O projecto apresenta tres variantes: 1.ª que vae de Castellejo a Vizeu por Parada e Fail; 2.ª por Tondella, Parada e Fail, e 3.ª por Tondella, Valle de Sabugosa, Torre d'Eita e Figueiró. Logo que esteja escolhida a linha e approvado o projecto, será posto a concurso.

OS FRANCEZES NO ZAIRE. — Cartas chegadas d'ali, e que já foram publicadas pela imprensa diaria, dão-nos noticia de violencias praticadas pelos francezes em Ponte Negra, e que não podem nem devem ficar sem reparação e desagravo, a menos que não tenhamos perdido o decore de nação. Não só teem intimado varias vezes os indigenas e negociantes a acceitarem a bandeira franceza e arriarem a portugueza, mas em certo dia desembarcaram forças, apoderaram-se de terrenos que tinham pedido para comprar, estabeleceram uma especie de cordão, intimando os negociantes a não mandarem a ninguém a mais de 100 metros das suas casas, impedindo assim o commercio do interior com as feitorias, e levaram a audacia e o desaforo a prender dois portuguezes que se dirigiam ao chefe para reclamarem contra taes ordens, sem sequer inquirirem o que os levava ali. Os negociantes portuguezes enviaram um protesto ao commandante francez, o qual foi por copia enviado ao nosso ministro da marinha. Parece incrível que taes actos partam d'uma nação civilisada e de uma republica, que asseguram ser o typo da liberdade, e que se veja convertida a sua marinha de guerra em marinha de piratas, um pouco menos barbaros que o eram no seculo xvi. Ha muito tempo que o nosso governo devia ter tomado uma resolução energica sobre este importantissimo assumpto.

MORTE DE UM ORIENTALISTA. — Em Paris falleceu o sr. Defremery, membro do Instituto de França, que havia nascido em 1822. Conhecedor profundo das linguas arabe e persa, publicou muitas obras importantes, entre as quaes *Historia dos sultões gluridas*, *Historia dos samanidas*, traduzidas do arabe. Collaborador assiduo do *Journal asiatique* de Paris, n'elle deixou inumeraveis artigos sob a designação de *Memorias da historia oriental*.

INDIA PORTUGUEZA. — Installou-se n'aquelle Estado o conselho de agricultura, e vae crear-se um posto experimental, um museu de instrumentos, productos e outros objectos agricolas, e uma bibliotheca para instrução dos agricoltores.

HONRA AO VALOR. — No dia 15 do corrente foi inaugurado em Soulac, perto de Bordeus, um monumento a Edmundo Laporte, o celebre banheiro d'aquella localidade, victima da sua dedicação. Tinha 24 annos, e havia já praticado muitos actos de valor, quando a 2 de setembro de 1880, tendo acabado de almoçar, foi chamado a toda a pressa, para acudir a uma creança que, andando a tomar banho, perdêra o pé, tendo-se afastado da costa. Laporte respondeu simplesmente: «eu lá vou, mas não volto.»

Atira-se á agua, e passado certo espaço trouxe a creança para terra sã e salva, mas passadas tres horas morreu o valoroso banheiro. A inauguração do monumento assistiu grande numero de pessoas, e pronunciaram-se discursos em memoria de Laporte.

JARDIM ZOOLOGICO E DE ACCLIMAÇÃO EM PORTUGAL. — El-rei o sr. D. Luiz presenteou este nas-

cente estabelecimento com: 2 gangas, 1 cotia, 1 abutre, 1 porco-espinho, e alguns porcos da Índia. Refere um jornal que brevemente chegará uma remessa de animais e aves de Africa enviados pelo nosso consul em Oran, o sr. R. Francisque Michel, que ha pouco tempo esteve em Lisboa, e que logo que estejam promptas as casas e jaulas necessarias remetterá o mesmo generoso cavalheiro alguns animaes grandes do continente africano. Será bom saber-se que o illustre funcionario já ha tempo enviou lindas hyenas, mas com receio que ellas devorassem Portugal mandaram-as, ao que parece, para Inglaterra.

O REI DE DAHOMÉ, OS PORTUGUEZES E INGLEZES. Tendo chegado a noticia d'este potentado que os portuguezes queriam ceder aos inglezes os seus direitos na costa de Ajudá, mandando reter no forte de S. João Baptista a guarnição que alli se achava. Apenas o governador de S. Thomé, o sr. contra-almirante Teixeira da Silva o soube, enviou logo a canhoneira Ave áquelle ponto encarregando o 2.º tenente Nunes da Silva, facultativo Franco de Castro, e official de fazenda Krusse Gomes de certificar ao rei a inexactidão d'aquelles boatos. Foram recebidos na praia debaixo de nubella pelo *xaxá*, ministro do rei, que os hospedou em sua casa. No dia seguinte em casa do Ivogan, governador de Ajudá foram lavrados protestos de indissolvel amizade entre elles e os portuguezes, assignados por todos os presentes, e o *xaxá* como prova de consideração do rei para com os portuguezes, presenteou os officiaes com um boi e algumas peças de panno de subido valor. Se os inglezes quizessem ceder algum ponto da costa aos portuguezes todos se alegravam por isso. O governador mandou reparar o forte.

BIBLIOTHECA E MUSEU EM MOÇAMBIQUE. Vão fundar-se na capital do governo d'aquella provincia ultramarina uma bibliotheca destinada a conter obras de instrucção para leitura publica, e um muzeu com o fim especial de fornecer o muzeu collonial, e o da sociedade de Geographia de Lisboa e outros de Portugal. Este exemplo é digno de imitar-se nas outras cidades importantes do ultramar.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

LES MATINÉES ESPAGNOLES, nouvelle revue internationale européenne, par M. le Baron Stock, saison d'été, second volume—second semestre, numéros 2 et 3 deuxième édition française, 1.º et 8 août 1883. Madrid. Calle Montalban, 2. — Com um retrato lithographado de Pascoal Mancini, ministro dos negocios estrangeiros do reino d'Italia. Encerra este fasciculo: *Causerie sur le piano* por La Palisse, *La science pour tous*, por Genaro Monti, *Un journaliste*, por Grazia Pierantoni-Mancini, *Le terrier d'Ugolin* por Armand Durantin, *Chambery et Rousseau* por M. de Rute, *Les charmettes* por Ponsard, *Pasquale Mancini*; *Le 8.º péché capitale*, M.º de Rute, *Courrier de Paris* por Camille Delaville, *Courrier des eaux*, *Le parlement espagnol*, *Affaires extérieures* e a continuação da traducção do *Primo Basilio* de Eça de Queiroz.

REVISTA DOS ESTUDOS LIVRES, directores litterario-cientificos em Portugal: Dr. Theophilo Braga, e Teixeira Bastos; no Brazil: Drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Silvio Romero. — N.º 6 do primeiro anno — julho de 1883. — Lisboa, Nova Livraria Internacional, 96, rua do Arsenal. Encerra este fasciculo: *Elementos da nacionalidade portugueza*, (A civilização celtiberica) por Theophilo Braga; *A questão do Zaire*, (conclusão) por Luciano Cordeiro, *Estudos botanicos* (II composição chimica das Plantas) por Philippe de Figueiredo; *o duello considerado nas suas relações com a historia e com a civilização moderna*, por Teixeira Bastos; *Bibliographia*, por Carrilho Videira.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE AS RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO PHYSICA E MORAL COM A PATHOLOGIA E A SOCIEDADE, dissertação inaugural, por Frederico Ferreira Corrêa Vaz, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, rua da Cancellaria Velha, 62,

1883. — 4.º pequeno de xxxi — 123 paginas e mais duas innumeradas. — Por mais que se diga sobre a hygiene, nada é de mais, por isso que é a principal base do progresso e conservação da humanidade. As mães de familia, que têm grande parte nos conselhos e ensinamentos d'esta dissertação, devem ler meditar e compenetrar-se do assumpto, porque, d'ellas depende o futuro de seus filhos.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, fundada em 1875, 3.ª serie — n.º 12, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882. Encerra um interessantissimo trabalho: — *Guiné portugueza, ou breve noticia sobre alguns dos seus usos, costumes, linguas e origens dos seus povos*, por M. M. de Barros, missionario na mesma provincia, que honra o auctor e oxalá vejamos seguidos por outros; *Colonias portuguezas em paizes estrangeiros xvii. — Singapura e Malaca*, resposta ao



FRANCISCO ESTEVES D'OLIVEIRA (segundo uma photographia de A. S. Souza)

questionario inicial da sociedade de geographia de Lisboa, melhor chamariamos a Malaca terra portugueza sob dominio estrangeiro; *Africa occidental portugueza*, *Rio Zaire*, apontamentos para um roteiro, pelo sr. Ernesto de Vasconcellos, tenente da armada; *Macao e o seu commercio*, pelo sr. Demetrio Cinatti, 2.º tenente da armada; *Timor* pelo sr. major José dos Santos Vaquinhas. E acaba com este fasciculo o volume e com elle foram distribuidos 8 interessantes mappas de monstrativos da emigração de Portugal nos dez annos de 1872 a 1881 inclusivé, por annos, provincias, districtos, sexos, edades e partes do mundo para onde ella se dirigiu.

PANTHEON DOS PIANISTAS, publicação mensal, Costa Mesquita, editor, Porto. O numero que temos presente publica a *Canção da Filha do Tambor Mór*, opera comica de Alves Rente.

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção a notas de Delfim d'Almeida, Empreza Litteraria de Lisboa editora. Fasciculos 41 a 44 ultimos do 5.º vol.

JORNAL DA INFANCIA, semanario illustrado, instructivo, recreativo e moral. Director litterario J. B. Mattos Moreira, Mattos Moreira & Cardos editores, Lisboa. N.º 31 a 35 d'este bello periodico para a infancia.

A MULHER revista illustrada das familias, directora D. Elisa Caodur, Lisboa. O ultimo n.º publicado é o 25. Este periodico, com quanto seja, regularmente collaborado deixa muito a desejar no seu aspecto material.

LE BRÉSIL À L'EXPOSITION INTERNATIONALE D'AMSTERDAM, 1883. — Livro editado em francez pela associação *Centro da Lavoura e Commercio*, do Rio de Janeiro, representante do Brazil, de accordo com o governo imperial, na grande exposição hollandeza. Prefacio de 30 paginas sob o titulo *COUP D'OEIL SUR LA CIVILISATION AU BRÉSIL*, contendo geral e succinta noticia do imperio brasileiro, pelo distincto escriptor Ramalho Ortigão. Catalogo da secção brasileira em Amsterdam, estatistica geral do Brazil e especial do café no ponto de vista da producção e do commercio universal e varias noções sobre estes e outros generos da exportação brasileira — coordenado por Eduardo Lemos, director e representante do *Centro da Lavoura e Commercio* na Europa e membro da delegação do Brazil em Amsterdam, a quem coube tambem a revisão geral do texto e a direcção typographica. A primeira parte foi impressa no estabelecimento de Castro Irmão, e o catalogo propriamente dito na Imprensa Nacional. 120 paginas 4.º — maximo francez rematando com um mappa do Imperio do Brazil, gravado em Paris. Edição de 3:020 exemplares (20 em papel Watman, numerados) para distribuir gratuitamente, sendo 2:000 para a Europa e 1:000 para a America do Norte e o Brazil. Esta obra é consagrada á propaganda do café pela associação editora, a qual, além da exposição em Amsterdam, tem promovido e organizado exposições de café em Londres, Berlim, Vienna d'Austria, New-York, Montréal, Paris, Trieste, Marselha, Bordeaux, Zurich, Buenos-Ayres, Bruxellas, Copenhagen e Rio de Janeiro, e trata de organizar outras em Boston, Nice, Athenas, Stockholm, Christiania, Barcelona, S. Petersburgo, Moscow, Niñi-Nowgorod e em varias cidades da Franca, Allemanha e dos Estados-Unidos d'America.

O *Centro da Lavoura e Commercio* tem recebido por estas exposições varios diplomas de honra e medalhas de ouro; a grande medalha de ouro do Concurso agricola de Paris, em 1883; e pelo jury internacional de Amsterdam acaba de ser-lhe conferido o grande DIPLOMA DE HONRA, premio unico d'esta graduação concedido ao café que alli se acha exposto, e que representa a maior exhibição que já mais se fez d'este importantissimo producto.

PEREGRINAÇÃO DE CHILDE HAROLD poema de lord Byron, traducção do inglez por Alberto Telles, livraria Ferreira, editora, Lisboa 1883. Canto quarto d'este poema de que já temos fallado por occasião de se publicarem os tres primeiros cantos, confirmando o ultimo o que temos dito a respeito d'este trabalho, muito conscienciosamente desempenhado pelo sr. Alberto Telles, que poz n'elle todos os cuidados de uma litteratura estimada. Este quarto acto que vem de publicar-se é seguido de 32 pag. de notas abreviadas.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
O sol nasce para todos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMNAT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Theouro Velho, 6